

A REVISTA *O CORREIO DA UNESCO* E AS POTENCIALIDADES DE PESQUISA SOBRE O MEIO AMBIENTE (1972-1992)

Cássia Natanie PEGUIM¹

O meio ambiente também está entre os objetos de estudo das ciências humanas, pois é mais do que a natureza, é um produto histórico formado por uma apreensão do mundo, ou seja, é um produto da ação econômica, política, social e cultural. Portanto se deve compreender que falar de meio ambiente é tratar de um conceito em processo constante de reelaboração.

A discussão do tema a partir de uma ótica político-econômico-social pode ser encontrada em diferentes documentos, não só nos administrativos referentes a órgãos públicos e privados, mas também nas propagandas, jornais, revistas e registros de manifestações sociais desde início dos anos 1960. A documentação existente sobre o que McCormick em *Rumo ao Paraíso - a história do movimento ambientalista* chamou de “revolução ambientalista”, uma das revoluções conceituais do século XX², permite diferentes pesquisas e problematizações que não se restringem à História, mas que compreende múltiplas abordagens disciplinares que facilitam as relações do ser humano com a natureza no passado, como comentado por Martinez em *História Ambiental no Brasil – pesquisa e ensino*³. No que diz respeito à História Ambiental, as indagações sobre a documentação podem seguir os níveis de pesquisa sugeridos por Worster em *Para fazer História Ambiental*, dirigindo-se para a pesquisa das mudanças geológicas da Terra, para a cultura material das distintas sociedades ao longo do tempo ou ainda para as percepções destas sobre a natureza, como a política.

O florescimento do meio ambiente no cenário da política internacional particularmente a partir da Conferência do Ambiente Humano, organizada pelas Nações Unidas e sediada em Estocolmo no ano de 1972, levou à inserção do tema em revistas e

¹ Cássia Natanie Peguim é graduada em História pela UNESP/Assis (2010) E-mail: cn.peguim@bol.com.br

² McCORMICK, John. **Rumo ao Paraíso: A história do movimento ambientalista**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992. p.15.

³ MARTINEZ, Paulo Henrique. **História Ambiental no Brasil: pesquisa e ensino**. São Paulo: Cortez, 2006. p.20-21.

periódicos de organizações ligadas ao sistema das Nações Unidas. A revista *O Correio da UNESCO*, elaborada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, passa a divulgar artigos e entrevistas sobre as temáticas discutidas em Estocolmo e nas conferências e comissões realizadas ao longo das décadas seguintes.

Ao longo desta exposição trataremos da maneira como as temáticas relacionadas ao meio ambiente - discutidas e abordadas na revista *O Correio da UNESCO* no período de 1972-1992, se inserem no contexto de formação e desenvolvimento do meio ambiente como produto histórico e componente da política internacional. Ao total são abordadas vinte e uma temáticas: Água, Agricultura, Biodiversidade, Ciência, Clima, Crescimento Demográfico, Desenvolvimento, Desertificação, Ecologia, Educação Ambiental, Energia, Industrialização, Oceano, Patrimônio, Políticas, Poluição, Recursos, Ser humano, sociedade, natureza, Tecnologia, UNESCO, Urbanização. Essas temáticas se configuram como possíveis objetos de pesquisa, a ser realizada a partir da análise de conteúdo de *O Correio da UNESCO* ou ainda por meio de outros documentos e fontes documentais. A abordagem é precedida por um breve histórico da revista *O Correio da UNESCO*.

Os resultados apresentados são fruto de iniciação científica financiada pela FAPESP – Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo, Processo 2008/58343-2, com o título “A UNESCO e o Meio Ambiente (1972-1992)”, desenvolvido nos anos de 2009 e 2010.

A revista O Correio da UNESCO

O Correio da UNESCO é uma revista de publicação mensal organizada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura voltada para a exposição de assuntos, programas, pesquisas e políticas das três áreas de responsabilidade da instituição.

Em fevereiro de 1948, três anos após a fundação da UNESCO, o periódico *O Monitor da UNESCO*, de 1947, foi rebatizado como *O Correio da UNESCO*. Mais tarde, quando o Pós-Guerra cedeu lugar à Guerra Fria, os números da revista

apareceram sob o *slogan* "uma janela aberta para o mundo". Caracterizada por uma linha editorial focada em temas associados às áreas de mandato da Organização, como educação, meio ambiente, cultura, direitos humanos e patrimônio mundial, a revista dá privilégio a um conteúdo único para as línguas em que é publicada. Cada edição é dedicada a um tema de especial interesse da UNESCO⁴.

A primeira edição em língua portuguesa data de outubro de 1972, publicada pela Fundação Getúlio Vargas - entidade de caráter técnico-científico, educativo e filantrópico, instituída em 20 de dezembro de 1944 como pessoa jurídica de direito privado, visando ao estudo dos problemas de organização racional do trabalho, especialmente de seus aspectos administrativo e social, e à conformidade de seus métodos às condições do meio brasileiro. A FGV era responsável pela tradução e impressão da revista mediante acordo com a UNESCO por intermédio do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura – IBCEC, encarregado desde 1946 pela difusão das atividades da Organização no Brasil.

A revista chegou a ser editada em trinta e cinco línguas e desde março de 2006 passou a ser publicada on-line nas seis línguas oficiais da Organização (inglês, francês, espanhol, árabe, russo e chinês) e traduzida para o português. Hoje, mantém a linha que a tornou o título mais lido dentre os periódicos das Nações Unidas com a apresentação, a cada edição, de um tema central desdobrado em diferentes abordagens de especialistas e pensadores de todo o mundo.

O Correio da UNESCO aborda aspectos a partir dos quais é possível obter informações importantes para o estudo dos sujeitos históricos nas suas manifestações macropolíticas e que permitem acompanhar a exposição das problemáticas relacionadas à questão ambiental e respostas dadas a essas problemáticas nas comissões, conferências, fóruns, simpósios e outras pesquisas, tanto da UNESCO quanto de outras organizações do Sistema das Nações Unidas, na área do meio ambiente, educação ciência e cultura, incluindo artes e literatura.

⁴ Conferir em: <http://www.unesco.org/new/en/unesco-courier/the-magazine/>

Os Temas Ambientais em O Correio da UNESCO

Se direcionarmos nosso olhar retrospectivamente para os anos 1970, podemos vislumbrar algumas das características da dimensão **política** do meio ambiente. A formação de partidos verdes e a organização da sociedade civil em Organizações Não-Governamentais ambientalistas nas últimas décadas do século XX refletem preocupações de ordem econômica, social e política para com a manutenção da qualidade do meio ambiente, particularmente em relação às instituições das sociedades industriais e seus valores humanos, políticos e de mercado.

O crescimento econômico durante a década de 1970 se deu em ritmo lento numa conjuntura na qual as situações econômicas eram distintas em diversas partes do globo. Essa disparidade se agravou na década de 1980 e trouxe consigo a miséria e a desigualdade em tons mais contrastantes ⁵.

Esses acontecimentos devem ser somados à crise energética de 1973 que desencadeou um processo de busca de alternativas ao uso do petróleo como principal fonte de **energia** utilizada pela indústria mundial, já que o preço do barril continuava em ascensão. No Brasil, após as esperanças com o petróleo da Bacia de Campos – RJ, descoberto em 1974, o governo de Ernesto Geisel criou o Programa Nacional do Álcool, o Proálcool, em 1975, com o intuito de substituir combustíveis derivados do petróleo, como a gasolina, por uma energia alternativa e renovável, o etanol⁶.

Paralelamente, a ocorrência de acidentes com petróleo e o uso excessivo de elementos químicos radioativos e agrotóxicos - somados com a crise energética provocada pelo aumento do preço do petróleo, estimularam o despertar para a preocupação com a quantidade de recursos naturais disponíveis. Disponibilidade necessária a uma sociedade pautada na produção e no consumo em massa e que precisava manter os níveis de crescimento exigidos pelas políticas de reconstrução dos países europeus após a guerra.

Essa conjuntura levou a elaboração de teorias questionadoras da carga máxima de crescimento suportado pelo planeta, uma esfera pequena e frágil que acabava de ser

⁵ HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Extremos**: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Cia das Letras, 2005. p.395.

⁶ Coleções Petróleo. **Revista VEJA**. Disponível em: http://veja.abril.com.br/arquivo_veja/petroleo-petrobras-arabes-opep-reservas-plataformas-escassez-proalcohol-flex.shtml

vista em meio a infinidade do espaço e que, segundo as teorias ditas apocalípticas, como as provocadas pela repercussão do estudo *Limites do Crescimento*, não suportaria os níveis de crescimento, principalmente o populacional, por muito tempo⁷. A ideia de um **desenvolvimento** econômico equilibrado tenta dar respostas que acalmem as especulações levantadas por tais teorias, no entanto ainda trazem consigo a ideia de progresso, tão marcante na história da primeira metade do século XX. Nota-se que o desenvolvimento era um instrumento de pacificação no processo da guerra fria e conflitos correlatos, de modo que a ciência e a tecnologia são incorporadas como dimensões do desenvolvimento almejado na década de 1980, particularmente pelos chamados países subdesenvolvidos. Desenvolvimento é o nome-síntese da ideia de dominação da natureza, pois ser desenvolvido é ser urbano, civilizado, ou seja, estar distante da natureza⁸.

A população mundial dobrou de aproximadamente 2 milhões para 4 milhões nos vinte cinco anos compreendidos entre 1955 e 1985 devido a reposição no pós-guerra. Um crescimento inédito até então. Entre 1960-1975 a população de 15 a 24 anos aumentou cerca de 29 milhões nas economias de mercado – países capitalistas desenvolvidos, de modo que o **crescimento demográfico** se tornou uma das facetas da crise dos anos 1970-1980. Nessa última década as taxas de jovens desempregados na Europa foram altas. A dinâmica do capitalismo reduzia a mão de obra necessária à produção devido ao alto custo-benefício proporcionado pela aquisição de máquinas gerando um excedente de população desempregada que não mais seria absorvida pelo mercado⁹.

A duplicação da população mundial alertou cientistas para as consequências sobre a utilização do solo, já que se necessitava de uma maior produção de alimentos. A crise na **agricultura**, observada na mesma época, se estendia a todos os elementos do sistema agrário, de modo que a não durabilidade econômica do sistema produtivo poderia significar uma não durabilidade ecológica do ecossistema cultivado¹⁰.

⁷ MEADOWS, Donella H. [et ali] **Limites do crescimento**: um relatório para o Projeto do Clube de Roma sobre o dilema da humanidade; trad. Inês M. F. Litto. São Paulo: Perspectiva, 1973. pp. 20;31;43.

⁸ PORTO-GONÇALVES. **O desafio ambiental**. Rio de Janeiro: Record, 2004. p.24.

⁹ HOBBSBAWM, Eric. **A Era dos Extremos**: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Cia das Letras, 2005. p.256.

¹⁰ MAZOYER, Marcel; ROUDART, Laurence. **História das Agriculturas no Mundo**: do neolítico à

A agricultura desenvolvida entre os anos 1950-1960 era motorizada, mecanizada, dispunha de novos fertilizantes químicos e teve como principal característica a passagem do plantio diversificado para a monocultura comercial. A motomecanização da agricultura provocou no período de uma década, 1970, um desenvolvimento econômico e técnico irregular acelerando o processo de desaparecimento dos estabelecimentos agrícolas familiares e colocando a economia agrícola em crise.

O desenvolvimento da ciência nos últimos vinte e cinco anos do século XX, as pesquisas sobre as dinâmicas climáticas e os efeitos de suas mudanças também levaram ao estudo da produção agrícola, agregando a **desertificação** como um dos objetos de análise das implicações agrícolas do crescimento populacional e do desenvolvimento capitalista. Nos então chamados países do Terceiro Mundo as novas tecnologias agrícolas dinamizaram a produção de cereais, principalmente de arroz, trigo, milho e soja, uma “Revolução Verde” provocada pela seleção genética, fertilização mineral, mecanização e controle da irrigação.

Como consequência desta nova ordem que ia se consolidando as empresas passaram a buscar outros nichos de investimento no mercado. A indústria teve que diminuir seus custos de produção e seus preços e buscar uma melhora significativa na qualidade, na comercialização e no serviço de pós-venda dos seus produtos. Como consequência a mão-de-obra foi fortemente reduzida, a produção foi terceirizada e as fábricas foram transferidas para países em que a mão-de-obra era mais barata. A economia keynesiana e a política de bem-estar social foram substituídas pela economia neoliberal, fazendo da **industrialização** um dos ingredientes base de uma receita para a redução do percentual do crescimento populacional. Inserida dentro de uma dinâmica que visava o crescimento da economia, a industrialização do período foi concebida como fruto da ciência e do mercado, desempenhando importante papel nas decisões tomadas por Estados e instituições intergovernamentais.

O crescimento observado nos índices de **urbanização** durante as últimas décadas do século XX é resultado do fluxo populacional de áreas não industrializadas para centros urbanos que fossem capazes de oferecer empregos à população que vinha

crise contemporânea. Trad. Cláudia F.F.B. Ferreira. São Paulo: Editora UNESP; Brasília: NEAD, 2010.

crescendo desde a década de 1950. O aumento da capacidade produtiva daquela sociedade provocou uma fuga da pobreza rural para as áreas urbanas devido à mecanização da produção agrícola, provocando uma defasagem na oferta de empregos.

A industrialização e a pressão exercida sobre os centros urbanos colocaram em risco a infraestrutura e a capacidade habitacional das grandes cidades. Situação que levou as organizações internacionais a investirem na elaboração de projetos que abrangessem o desenvolvimento espacial e populacional, seus problemas estruturais e a idealização de um ambiente que satisfizesse aspirações coletivas e individuais. Estas aspirações podiam se relacionar à industrialização municipal, à conquista de seu planejamento urbano atraindo investimentos, à satisfação estética ou a conquista de uma habitação legalizada ¹¹. Os projetos respondiam a um contexto de crescimento populacional, especialização da produção industrial, mudanças sociais e conscientização das implicações que estes fatores exerciam sobre o ambiente, no entanto alguns pareciam inaplicáveis, pois negavam estruturas culturais e dificuldades econômicas das populações a quem se destinavam.

Ao longo da segunda metade do século XX os países capitalistas desenvolvidos realizaram grandes investimentos na pesquisa científica, definindo assim um processo no qual o período a partir de 1970 fez da **ciência** a base de seu desenvolvimento, acadêmico e econômico. Nesse contexto, há que se destacar a concentração que os EUA possuíam da tecnologia e da ciência desenvolvidas e a disputa tecnológica que este travava com a URSS. Este espírito científico – que marcou a ciência moderna desde o seu início – tinha a concepção de progresso como uma das referências fundamentais, de modo que suprir as necessidades por meio do conhecimento científico e tecnológico passa a ser a palavra de ordem da civilização ocidental¹². O sistema natural e o mecanismo das ações humanas sobre o ambiente deveriam, a partir de então ser desvendados pela ciência ¹³.

¹¹ UNESCO. “Um lugar para si viver”. **O Correio da UNESCO**. Ano 04. nº08. ago/1976.

¹² RIBEIRO, W. C. **A ordem ambiental internacional**, São Paulo: Contexto: 2001, p.65.

¹³ HOBBSAWM, E.J. **Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Cia das Letras 2005, p.522-530.

Motor do desenvolvimentismo das décadas posteriores a 1970, a **tecnologia**, ao lado do capital especulativo e do comércio global, seriam um dos “pontos de apoio” da globalização.

Com o desdobrar do desenvolvimento da pesquisa científica nas últimas décadas do século XX, ciência, tecnologia e desenvolvimento passaram a compor um elo necessário às políticas e pesquisas aplicadas e sugeridas pela ONU e pela UNESCO. Juntas, ciência e tecnologia são “dilema” e “chave” para o crescimento econômico que se esperava a partir de 1980¹⁴. O ser humano passaria então a habitar dois mundos: “o natural” e “o das instituições sociais e dos artefatos que constrói para si mesmo”; o que corresponderia a Biosfera e a Tecnosfera¹⁵.

Na ânsia de superar as dificuldades econômicas que se impunham ao período aqui abordado (1970-1990) a ciência avançou mais uma casa no jogo do conhecimento ao fazer do **oceano** um objeto de pesquisa, com o objetivo de desvendar suas potencialidades minerais e energéticas. Num contexto de globalização da economia e da política, a normatização dos transportes e outras atividades econômicas realizadas sobre e sob o oceano, principalmente nas chamadas zonas livres, também se fez necessária. A instauração de uma Nova Ordem Econômica Mundial em 1974 colocou o oceano na lista de questões internacionais a serem solucionadas em prol de um desenvolvimento econômico e da negociação de conflitos territoriais¹⁶.

Muitas discussões a respeito dos efeitos do mau uso da alta tecnologia e da expansão da indústria química sobre o meio ambiente foram empreendidas no último quarto do século XX, entre elas a Conferência sobre o Ambiente Humano – Estocolmo, 1972 – fez da **poluição** da atmosfera a preocupação imediata dos ecologistas. Preocupação desencadeada pela explosão do tráfego de veículos automotores e da produção de CFCs¹⁷.

¹⁴ UNESCO. “Ciência e Tecnologia: dilema do desenvolvimento”. **O Correio da UNESCO** Ano 08, n01, jan./1980. p.21

¹⁵ WARD, Bárbara; DUBOS, René. **Uma Terra Somente**. Trad. Antônio Lamberti. São Paulo: Edgar Blücher, Melhoramentos, Ed. Universidade de São Paulo, 1973. p.37.

¹⁶ UNESCO. “A raízes da crise atual”. **O Correio da UNESCO**, A Unesco aos 30 anos, maio/1976, p 26-29.

¹⁷ Gás Clorofluorcarbono, utilizado principalmente em refrigeradores e *sprays*.

A poluição industrial levava a inquietações para com a qualidade do ar, da água, do solo, preservação das espécies animais e vegetais e disponibilidade de minerais e combustíveis fósseis. Nessa situação, o conforto e a independência do consumidor foram apontados como elementos que deveriam ser reconsiderados - com ênfase na popularidade e no aumento da frota dos automóveis. Um maior conhecimento e pesquisa sobre o uso de efluentes e pesticidas deveria ser exigido, em parte devido aos efeitos causados pelo uso do DDT, considerados como resultado de ignorância e abuso¹⁸.

Diante do frágil sistema de equilíbrio climático da Terra, as preocupações dos cientistas nas décadas de 1970 e 1980 quanto ao papel do homem nas mudanças do **clima** ganhavam tons alarmantes. As pesquisas se voltaram para as influências do dióxido de carbono na intercepção das radiações de calor da Terra - o que constitui o chamado “efeito de estufa” - para o desmatamento, a progressão da industrialização e o aumento da demanda de energia.

O problema das fontes energéticas, como o uso de combustíveis poluentes, escassez de combustíveis fósseis e busca por fontes alternativas de energia, acompanham a discussão do clima. No contexto, instituições e programas são criados para monitorar as mudanças. Em 1988 o PNUMA – Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente, ajuda a estabelecer o Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas - o IPCC - junto à Organização Meteorológica Mundial a fim de respaldar formuladores de políticas com informações científicas confiáveis e atualizadas.

As manifestações ambientalistas desencadeadas na década de 1960 e intensificadas nas de 1970-1980, representaram o questionamento da dinâmica do capitalismo nos chamados países de Primeiro Mundo. Neste contexto a **ecologia**, ciência voltada ao estudo da vida biológica, passou a discutir a noção de progresso adotada na ciência, na tecnologia, na economia e no cotidiano, incorporando uma dimensão social e política. O movimento ambientalista que vinha em constante ascensão desde os anos 1960 exerceu importante papel de pressão sobre as formas de uso e qualidade dos recursos hídricos, questionando a sociedade de consumo sobre o reconhecimento das necessidades de um ambiente mais saudável com ar puro, água

¹⁸ WARD, Bárbara; DUBOS, René. **Uma Terra Somente**. Trad. Antônio Lamberti. São Paulo:Edgar Blücher, Melhoramentos, Ed. Universidade de São Paulo, 1973. p 97

limpa e solo livre de poluentes químicos provenientes da fertilização agrícola. A qualidade da **água**, considerada um recurso livre assim como o ar, emerge como um dos problemas decorrentes da produção em larga escala, seja da indústria ou da agricultura, e entra na agenda ambiental ¹⁹.

A **educação ambiental** também ganha espaço no contexto como uma resposta ao campo da pesquisa científica em efervescência nos últimos trinta anos do século XX, de modo que várias características da dinâmica do meio ambiente vieram à tona paralelamente a um sentimento de insegurança com a continuidade dos modos de vida da humanidade devido à escassez de recursos naturais e a necessidade crescente destes. O equilíbrio da natureza era apresentado em constante ameaça e precisava ser buscado pelas diversas sociedades como única garantia de sobrevivência. O compromisso da sociedade com o equilíbrio do meio ambiente seria o caminho para uma transição ordeira e controlada, do crescimento ao equilíbrio global²⁰. Caberia aos programas de educação ambiental definir o relacionamento entre o homem e a biosfera e permitir a todos os cidadãos do mundo assumir suas responsabilidades na preservação dos sistemas de manutenção da vida ²¹.

Atualmente a educação ambiental trabalha com os conceitos de desenvolvimento sustentável e **biodiversidade**, conceito definido apenas no ano de 1992, em virtude da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento - CNUMAD, realizada no Rio de Janeiro. A Convenção sobre a Diversidade Biológica - CDB, assinada durante a CNUMAD pôs fim aos impasses conceituais ao definir a diversidade biológica, conceito abordado no capítulo 15 da Agenda 21 - Plano de Ação voltado à implantação de medidas minimizadoras da degradação ambiental.

A evolução da vida social e econômica em transformação segundo a *Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural* estava ameaçando o **patrimônio** cultural e o patrimônio natural e para a Convenção, aprovada em Conferência Geral da UNESCO em 1972, a degradação ou o desaparecimento de um

¹⁹ UNESCO. “Água – questão de vida ou morte?”. **O Correio da UNESCO**. Ano 06. nº04. abr./1978.

²⁰ MEADOWS, D. **Limites do Crescimento**: um relatório para o Projeto do Clube de Roma sobre o dilema da humanidade. Perspectiva, 1973. p180, e WARD, B. DUBOS, R. **Uma Terra Somente**. São Paulo: Edgar Blücher, Melhoramentos, Ed. Universidade de São Paulo, 1973.p.66.

²¹ UNESCO. O pacto planetário. O Correio da UNESCO. Ano 20, jan/1992, p18.

bem patrimonial constituiria um empobrecimento efetivo do patrimônio de todos os povos do mundo ²².

De acordo com a UNESCO, a Convenção para a Proteção do Patrimônio representou um ponto de partida para a cooperação internacional na medida que instituiu um mecanismo que permitiria à comunidade internacional se associar na salvaguarda de elementos do patrimônio natural e cultural que apresentassem excepcional valor universal ²³.

Vimos como é complexa a maneira como as temáticas abordadas se relacionam. Elas se entrecruzam, formam uma rede de relações, muitas vezes diretas e outras articuladas segundo o interesse econômico e político, em primeiro lugar, dos Estados atuantes na cena política seguidos, em segundo, pelas organizações e instituições internacionais. Estudar as organizações como a **UNESCO** pode ajudar a entender a dinâmica do conceito meio ambiente, sua inserção na esfera macropolítica e as questões geradas pelo caráter dinâmico e abrangente deste tema, presente nas mais diversas esferas das instituições.

A História Ambiental oferece grande potencial de análise e explicação da multiplicidade de fatores desta nova ordem estabelecida. Desenvolvida contemporaneamente ao florescimento das problemáticas ambientais, em certa parte até como um reflexo das constatações e debates que iniciam a discussão na década de 1970, oferece aos historiadores os elementos necessários à análise das relações entre o **ser humano, a sociedade e a natureza** ²⁴. Sua interdisciplinaridade característica, adquirida ao combinar história natural com história social e estudos, políticos, geográficos, econômicos e culturais, permite compreender os distintos aspectos de um período no qual o mundo passou por transformações históricas marcantes.

²² **Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural**. Conferir em <http://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf>

²³ UNESCO. “As 247 maravilhas do mundo – Natureza e Cultura”. **O Correio da UNESCO**. O homem a biosfera – parceiros para um desenvolvimento sustentável. dez/1987. p.16.

²⁴ WORSTER, Donald. “Para fazer história ambiental”, **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: 4 (8) p.198-215. p.199.

Referências Bibliográficas

BOBBIO, Norberto. **Dicionário de Política**. 2 v. 13ª ed. Brasília: Editora UNB, 2007

BRASIL. Presidência da República. Comissão Interministerial para Preparação da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. **O Desafio do Desenvolvimento Sustentável**: Relatório do Brasil para a Conferência das Nações Unidas Sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. Brasília: Cima, 1991.

Coleções Petróleo. **Revista** **VEJA**. Disponível em:
http://veja.abril.com.br/arquivo_veja/petroleo-petrobras-arabes-opep-reservas-plataformas-escassez-proalcool-flex.shtml

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Nosso Futuro Comum**. Rio de Janeiro, FGV, 1988.

CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO (1992: Rio de Janeiro) **Agenda 21.3** ed. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições técnicas, 2001.

Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural. Conferir em <http://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf>

DUARTE, Regina Horta. **História e Natureza**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Extremos**: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

_____. **Globalização, democracia e terrorismo**. Trad. C. Marcondes. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

LAGO, A; PÁDUA, J.A. **O que é ecologia?**. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985.

MARTINEZ, Paulo Henrique. **História Ambiental no Brasil**: pesquisa e ensino. São Paulo: Cortez, 2006.

MAZOYER, Marcel; ROUDART, Laurence. **História das Agriculturas no Mundo**: do neolítico a crise contemporânea. Trad. Cláudia F.F.B. Ferreira. São Paulo: Editora UNESP; Brasília: NEAD, 2010.

McCORMICK, John. **Rumo ao Paraíso**: A história do movimento ambientalista. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

MEADOWS, Donella H. [et ali] **Limites do crescimento**: um relatório para o Projeto do Clube de Roma sobre o dilema da humanidade; trad. Inês M. F. Litto. São Paulo: Perspectiva, 1973.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Meio Ambiente & Ciências Humanas**. 3ed. São Paulo. Hucitec, 2002.

MÜLLER, Geraldo. "Desenvolvimento Sustentável - Notas para a elaboração de um esquema de referência" In: BECKER, Dinizar F. **Desenvolvimento Sustentável: Necessidade e/ou possibilidade?**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002. 4ª ed. revista e ampliada.

PORTO-GONÇALVES, W. **O desafio ambiental**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

RIBEIRO, W. C. **A ordem ambiental internacional**, São Paulo: Contexto: 2001.

SACHS, Ignacy *et alli* (org.) **Brasil: um século de transformações**. 3 reimp. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

UNESCO. "A raízes da crise atual". **O Correio da UNESCO**, A Unesco aos 30 anos, maio/1976.

UNESCO. "Um lugar para se viver". **O Correio da UNESCO**. Ano 04. nº08. ago/1976.

UNESCO. "Água – questão de vida ou morte?". **O Correio da UNESCO**. Ano 06. nº04. abr./1978.

UNESCO. "Ciência e Tecnologia: dilema do desenvolvimento". **O Correio da UNESCO** Ano 08, nº01, jan./1980.

UNESCO. "As 247 maravilhas do mundo – Natureza e Cultura". **O Correio da UNESCO**. O homem a biosfera – parceiros para um desenvolvimento sustentável. dez/1987.

UNESCO. O pacto planetário. **O Correio da Unesco**. Ano 20, jan/1992.

WARD, Bárbara; DUBOS, René. **Uma Terra Somente**. Trad. Antônio Lamberti. São Paulo:Edgar Blücher, Melhoramentos, Ed. Universidade de São Paulo, 1973. p 97

WORSTER, Donald. "Para fazer história ambiental", **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: 4 (8) p.198-215. p.199.

ZICMAN, René Barata."História através da imprensa - algumas considerações metodológicas" In: **Projeto História**. PUC. nº4 jun./1985.